

Inflação preocupa o FMI

Berlim Ocidental — O acordo fechado entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional, recentemente, não tem como meta o estabelecimento ou a manutenção de um determinado índice de inflação no País. Apesar disso, o diretor-gerente daquela instituição, Michel Camdessus, está preocupado com as altas taxas registradas no País nos últimos meses. Elas, afinal, alteram os números das metas fixadas de comum acordo entre as duas partes e, principalmente, contribuem para o aumento do déficit público.

“É essencial que os países em desenvolvimento combatam a inflação: não existe ameaça mais perigosa para eles do que essa. O caso do Brasil é um bom exemplo: o País tem feito bons negócios na área de comércio internacional, o que não só ajuda a pagar os juros da dívida, como também aumenta os recursos para investimentos internos. Só que o Brasil precisa livrar-se dessa inflação alta pois com a sua presença constante, os resultados positivos acabam sendo anulados” — disse Camdessus ontem à tarde.

Tratamento

Horas antes, durante uma entrevista coletiva, Camdessus havia dito que o Brasil não receberia qualquer tratamento especial do FMI, pelo fato de ter normalizado sua situação com os credores internacionais. Isso, segundo ele é alvo que se espera de todos os devedores. Por isso, o FMI concedeu um empréstimo ao País e espera que ele cumpra agora a sua parte.

“O Brasil não necessita de qualquer tratamento especial. Ele tem um potencial enorme e, como disse, vem conseguindo excelentes resultados no comércio. Eu, por norma do FMI, não posso aparecer publicamente dando conselhos a qualquer país. Mas diria que a situação brasileira está sendo bem encaminhada: se junto com esse grande faturamento que vem obtendo com suas exportações, o governo conseguir bons esquemas para a redução da dívida — através da conversão em investimentos, por exemplo — a retomada do crescimento será uma realidade a cur-

to prazo — disse Camdessus em sua rápida entrevista no International Congress Centrum, de Berlim Ocidental.

Em sua opinião, a reunião anual do FMI e do Banco Mundial que está sendo realizada aqui, poderá apresentar resultados significativos — ainda que muitos especialistas do setor insistam em dizer que as novidades seriam poucas.

“Eu acho que não precisamos de grandes iniciativas para que a reunião seja considerada um sucesso. Nossa objetivo nesse encontro é o de renovar o ímpeto de todos para a discussão de estratégias para resolver o problema da dívida externa. O que necessitamos é colocar em prática a nossa capacidade de estabelecer uma criativa cooperação internacional. Só assim haverá um equilíbrio na economia mundial” — comentou Camdessus.

O clima, segundo ele, é bastante propício para essa discussão: — até alguns meses atrás, toda vez que eu falava sobre a questão da dívida, publicamente, recebia muitos telefonemas de pessoas comentando que eu deveria moderar minhas opiniões. Os credores já aceitam discutir idéias que antes repudiavam, e portanto, temos de discutir algumas formas de redução da dívida. Esse é o assunto mais importante nessa área: os próprios devedores já não falam tanto em pedir dinheiro novo, mas sim em conseguir um alívio do débito que carregam nas costas — disse o diretor-gerente do FMI.

No final da conversa, Michel Camdessus deixou no ar duas frases que soaram como um recado com destino certo.

“Os países em desenvolvimento têm de aproveitar, agora, todas as oportunidades que vêm sendo colocadas a sua disposição — sugeriu o executivo do FMI.

“É preciso tirar proveito de todas as iniciativas, como a da conversão da dívida em investimentos, e dar ênfase ao crescimento. Afinal, as perspectivas para os próximos anos são razoáveis mas quem pode garantir que os anos 90 serão menos turbulentos que os 80!”.